



ESTUDANTES

TODOS FALAM QUE SÃO CONTRA O TROTE

Trote ou integração? As 'brincadeiras' com os calouros universitários - consideradas normais para algumas pessoas (foto) - podem significar humilhação ou constrangimento. **PÁGINA 4**

Integração ou trote?

Calouros se ajoelham diante de veteranos e vestem roupas extravagantes

ADRIANA FERREZIM

Da Gazeta de Piracicaba
adriana.ferrezim@gazetadepiracicaba.com.br

Calouros ajoelhados diante de veteranos, alguns com roupas extravagantes e "pagando" flexões no chão. Para alguns trata-se de uma brincadeira para integração, para outros, um trote que humilha e constrange. Essas cenas são comuns no Centro de Vivência (CV) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP). A diretoria da Esalq vai abrir sindicância para apurar a denúncia.

Essas cenas têm ocorrido quase que diariamente, desde o início do ano e costuma prosseguir até maio. "Isso ocorre há anos, tanto que para os alunos é uma tradição da universidade. O problema é que muita gente não gosta, mas se sente pressionado a ajoelhar-se diante dos veteranos das repúblicas onde estão hospedados para serem aceitos", afirmou um ex-aluno do curso de Gestão Ambiental.

Ontem, a Gazeta verificou no local que alguns alunos consideram esse trote uma brincadeira normal, tradicional. Uma veterana alegou que como ingressam na Esalq pessoas "com e sem dinheiro", o fato de ajoelhar torna todos iguais. "Para quem está de fora pode parecer humilhação, mas não é normal, uma brincadeira e eu ajoelharia de novo".

Um calouro de 17 anos, disse que não pensou em recusar as ordens dos veteranos e outro de 19 anos, que segurava pendurado no corpo um banner também acha tudo uma brincadeira. "Não tem problema, se quero participar da república, tenho de cumprir". Um veterano confirmou. "Se ele não quer parar de fazer estágio, ele cumpre, mas ninguém é obrigado a fazer nada, é somente uma forma de integração".

ABUSO

Para um ex-aluno do curso



Calouros de joelho: para uns brincadeira, para outros humilhação

de Gestão Ambiental, que pediu para não ser identificado, a prática de ajoelhar-se e cumprir as outras tarefas é colocada quase como a única opção que o calouro tem. "Os veteranos fazem como se não existisse amizade ou vida fora da república. Fiquei somente três dias em uma república trotista e ajoelhei uma cinco vezes. Tinha 17 anos, até que percebi que não precisava daquilo, não precisava ser humilhado", comentou.

Em apenas três dias, o ex-aluno, foi obrigado a ficar embaixo da mesa e os veteranos colocaram álcool gel em volta do móvel e atearam fogo. Ele contou que sua aula começava às 19 horas, mas os veteranos queriam que ele ficasse na república até 19h30, quando eles terminavam o jantar. Tam-

bém foi obrigado a jogar um ovo em uma menina que ele não conhecia. "As repúblicas oferecem aos calouros esse estágio gratuito, sem custo, mas o calouro vira o empregado que serve a bebida, retira os pratos das refeições e lava a louça, pega o balde quando alguém que bebe muito vai vomitar e em algumas situações têm de beber também para ser aceito", contou.

Segundo o gestor, não são todos os veteranos que compartilham do trote e nem todas as repúblicas. "Tem alguns que você vai ajoelhar, a pessoa não deixa e ocorre um papo normal. Com o trotista, além de ajoelhar, o calouro tem de se xingar e depois enaltecer o ego do veterano, para que ele assine seu chapéu e o aceite na república".

Direção

Abertura de sindicância

A Guarda Universitária tem acompanhado a movimentação e chega a pedir para os calouros se levantarem quando estão ajoelhados. O diretor da Esalq, José Vicente Caixeta Filho, afirmou que é difícil combater o trote quando alguns ainda consideram uma tradição inofensiva. "A partir da notificação de ocorrência da GU, que ficar caracterizado o

abuso, será aberta uma sindicância interna e se houver necessidade serão dadas sanções disciplinares, como advertência e até a suspensão".

Caixeta disse que a integração é bem-vinda. Ele assumiu a direção da escola no ano passado e desenvolveu projetos para que o trote - que é proibido no campus - não ocorra. "É um trabalho de formiguinha".

Um dos projetos foi lançado na semana passada, que é uma orquestra formada por alunos. O outro é mais ousado, conforme o diretor, e envolve investimento na área de esportes, que a Esalq tem tradição.

O vice-presidente do Conselho de Repúblicas - que reúne 47 residências de estudantes com mais de dez anos -, Carlos Eduardo Bullis Venturini, reconheceu que algumas optam pelo trote, mas a maioria não. "Não conseguimos ter controle sobre o que algumas repúblicas fazem. Os calouros não são obrigados a aceitar as brincadeiras e podem procurar outras repúblicas. Ele tem dois meses e meio para fazer estágio em várias repúblicas, sem pagar nada, até encontrar uma que se identifique. O conselho é contra o trote", afirmou.